

Do mesmo autor das séries

EU CÓMICO

O Maior Maluco do Riso!

e **ESCOLA**

JACKY HA-HA

2

A MINHA
VIDA
É UMA

ANED
TA!

N.º 1 em todo o mundo

James Patterson

CHRIS
GRABENSTEIN

Mais de 350 milhões de livros vendidos

JAMES PATTERSON tem o Recorde Mundial do Guinness para o maior número de livros no n.º 1 do top do *New York Times*, incluindo a série *Escola* e a série *Eu Cómico*. Já vendeu mais de 350 milhões de livros em todo o mundo e é um defensor incansável do poder dos livros e da leitura, demonstrado na sua nova chancela de livros para crianças, **JIMMY Patterson**, cuja missão é muito simples: Queremos que cada criança que termina um livro do **JIMMY**, diga «Por favor, deem-me outro livro!» Já doou milhões de livros a estudantes, soldados, livrarias independentes e bibliotecas escolares. James Patterson investirá a sua parte nas vendas dos livros **JIMMY Patterson** em iniciativas a favor da leitura.

CHRIS GRABENSTEIN é um autor multipremiado pelos seus thrillers e livros de mistérios. Colaborou com James Patterson nas séries *Eu Cómico*, *A Casa de Robots*, *Treasure Hunters* e no livro *Daniel X: Armageddon*.

KERASCOËT é o nome adotado por Marie Pommepey e Sébastien Cosset, uma dupla de designers e ilustradores que vivem e trabalham em Paris.

Para o Teatro Infantil de Knoxville
C. G.



PRÓLOGO



Saudades aqui da velha e alegre Inglaterra, queridas filhas, embora sinta tudo menos alegria.

Na verdade, acho que estou a ter um ataque de pânico.

O meu coração está descontrolado. Sinto as mãos moles, o que é estranho, já que as mãos até têm montes de ossos...

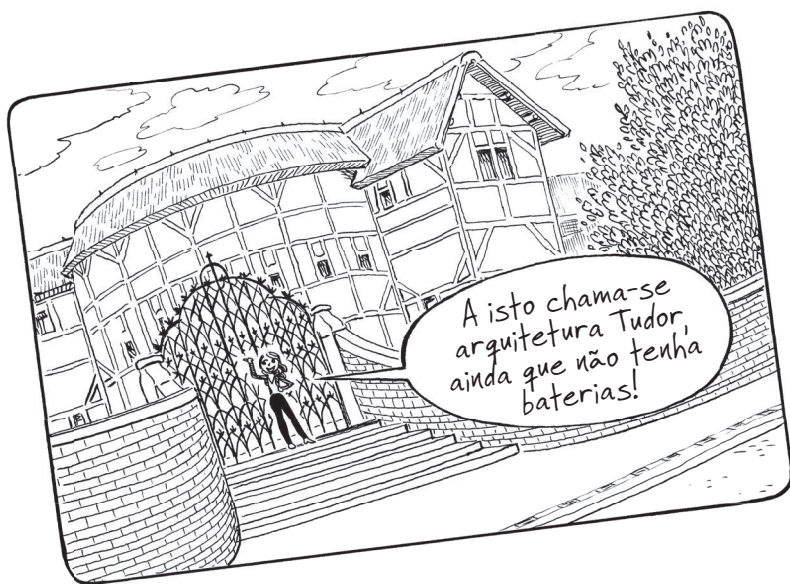
Continuando, quase não consigo respirar e não é porque alguém acabou de me dizer o que é realmente o «bubble and squeak», nome fofinho de um prato

inglês (restos de legumes passados com couves e batatas, e mais todas as coisas que ninguém quis comer no dia anterior).

Não me sentia assim tão nervosa desde o dia em que subi à roda gigante de Seaside Heights, em Nova Jérsia. (A segunda vez. Aquela em que o pai me apanhou.)

Acho que estou a passar-me por ir fazer uma coisa que sempre quis, mas da qual tenho um pavor enorme.

Sim, isto faz tanto sentido como um livro chamar-se *Como Ler*, ou uma toalha ser impermeável.



Como vocês sabem, meninas, a vossa famosa mãe está aqui em Londres a ensaiar para a peça *Como Queiram*, de Shakespeare, no Globe Theatre.

Vou fazer de Rosalind, uma das personagens femininas mais cómicas e valentes de Shakespeare. O novo Globe é uma reprodução do famoso teatro original de 1599, o que, acreditem ou não, foi um ano ou dois antes de eu nascer.

A vida é boa, não é?

Não. A vida é *aterrorizante!*

Shakes-pavor.

Só de pensar que tenho um papel numa comédia do *Maior Escritor Que Alguma Vez Viveu*, numa das melhores companhias teatrais do mundo (quer dizer, do *globo*) dá-me um extremo pavor.

Mas, porque é que a minha grande oportunidade está a ser um pesadelo tão grande?

Porque me recorda do maior e mais colossal falhanço de toda a minha vida.

A maioria das pessoas conhece-me como a senhora cómica e superdivertida que ganhou um Óscar e brilha no *Saturday Night Live*, mas eu ainda não era essa pessoa naquele verão em que tinha aproximadamente a vossa idade.

Era uma desgraça.

E um falhanço.

A estrela de um filme desastroso de uma-só-
-mulher.

Por isso, atenção: aproximam-se maus momentos.

CAPÍTULO 1



Estamos no verão de 1991. Os brinquedos das Tartarugas Ninja dominam. E a Barbie de patins em linha também. O que são patins em linha? Não se preocupem, não precisam de saber. A não ser que queiram torcer os tornozelos, cair de rabo e esfolar quase toda a pele dos cotovelos, como me aconteceu a mim.



Toda a gente diz «*Hasta la vista, baby*» e não é só nas aulas de Espanhol, porque o Ah!-nold Schwarzenegger o diz num filme chamado *Exterminador Implacável 2: O Dia do Julgamento*.

De facto, 1991 até começou bastante bem, especialmente se ignorássemos os Boyz II Men na rádio. (Sim, era uma coisa que havia. E aquele II? Devia ler-se «*two*» e não «*eleven*».)

Em março, a mãe regressou a casa da Operação Escudo no Deserto, que passou a Tempestade no Deserto — uma guerra que só durou umas seis semanas. Agora ela voltou a mandar na casa Hart.

Já referi que a minha mãe, a Sydney Hart Grande, pertence aos Fuzileiros? (Chamamos-lhe Grande porque a minha irmã, Sydney Pequena, tem o mesmo nome.)

— Quero ver esses pratos a brilhar, meninas! — diz-nos ela todas as noites a seguir ao jantar. — Quero ver este navio num brinquinho!

— Sim, senhora! — respondemos todas.

— Op-dois! — diz ela.

A mais nova, a Emma, a quem costumávamos chamar a Chefinha, é agora o Ecozinho. Manda-nos fazer tudo o que a mãe tenha acabado de nos mandar fazer.

TOCA A DESPACHAR
O TRABALHO,
MENINAS!

TOCA A ~~trabalhar~~
O DESPACHO,
MENINAS!



Esta vossa amiga ainda não teve nenhuma suspensão desde que fez de Snoopy no musical de outono, *És Um Bom Homem, Charlie Brown*. Se me conhecessem bem saberiam que não ter sido suspensa é um milagre!

Também entrei no espetáculo da primavera — *Não Podes Levá-lo Contigo*. Era uma comédia (pois!) e eu fiz de Essie Carmichael, uma doceira excêntrica que sonha ser bailarina, mesmo dançando terrivelmente.

Eu estava histérica, meninas. A vossa mãe sempre foi (e sempre será) uma terrível dançarina. E terrível pode ser cómico. Especialmente se for em ballet.

Portanto, agora estamos em junho e a vida corre bem. A mãe está em casa, sã e salva. A escola está quase a acabar. Anseio por um verão de diversão ao sol, na Costa de Jérsia. A praia! A marginal! O Bill Phillips!

Sim, ainda tem aqueles olhos de avelã lindos-de-morrer e eu ainda sinto um fraquinho por ele. Ei, já vou dos 12 para os 13 anos! É verão. Acontece.

O meu grande plano para quando as aulas acabarem?

Não fazer nada. Preguiçar. Cair na praia. Fazer montes de *coisa nenhuma*.

Infelizmente, os pais têm planos diferentes.

Muito diferentes.

CAPÍTULO 2



— **M**eninas — diz a mãe, depois da loiça lavada, limpa e arrumada, e de se lhe terem acabado os «Op-dois». — O pai vai chegar daqui a um quarto de hora.

— Devíamos ter guardado um bocado de tarte de frango para o pai? — pergunta a Hannah. Ela tem 14 anos e é superquerida. — Se soubesse que o pai ia chegar a horas de jantar, não me tinha servido da segunda vez...

— E da terceira? — pergunta a Sophia. Ela tem 18 anos e é a segunda mais velha ou, como ela gosta de dizer, «a irmã mais velha que ainda vive cá em casa», já que a Sydney Pequena, que tem 19, está na universidade, em Princeton. A Hannah e a Sophia

são ambas um pouco loucas-por-rapazes. E, às vezes, até são loucas pelo mesmo rapaz ao mesmo tempo.

Es-tra-nho.

— Se querem saber a minha opinião — diz a Victoria, que só tem 15 anos, mas já sabe tudo sobre tudo —, é muita falta de educação da Sophia contar quantas vezes é que a Hannah repetiu a tarte de frango ao jantar.

— Meninas?

É tudo o que a mãe tem a dizer. Especialmente quando levanta a sobrancelha esquerda dois milímetros e nos lança...



— O pai já jantou com os colegas no restaurante — diz a mãe.

— Boa — diz a Hannah. — Mas, se ele ainda tiver fome, pode comer uma parte do meu leite-creme. Escondi algum debaixo da almofada...

Sim, a Hannah faz isso. Muito. E é por isso que, por vezes, acorda com leite-creme agarrado à orelha.

— Ele está bem, querida — diz a mãe. — Eu e o pai precisamos de falar convosco na sala, às mil e novecentas horas. Reunião de família.

«Mil e novecentas horas» é o termo militar para 19h00. Olho de relance para o relógio da cozinha. São 18h46.

— Até lá — diz a mãe —, aproveitem para acabarem os vossos trabalhos de casa. *Àà-vontade!*

Toda a gente desaparece da cozinha, exceto eu e a Riley. A Riley tem 11 anos e ocupa a infeliz posição de minha irmã imediatamente mais nova. Isto significa que me admira, o que nem sempre é o melhor. (Aos 12, eu não era propriamente um modelo fantástico. Bem, talvez até fosse o pior modelo. Um modelo de avioneta talvez fosse melhor.)

— O que achas que se está a passar? — pergunta-me a Riley.

— Não sei! — finjo entrar em pânico. — Este suspense está a matar-me. Literalmente!

Levo as mãos à garganta, abro muito os olhos, faço como se tivesse acabado de engolir algum veneno e depois caio no chão.

— Argh! Estou morta! Morta pelo suspense.

A Riley ri-se e eu faço uma pequena vénia.

— Não te preocupes — digo. — Provavelmente, é algo bom. Talvez agora, como a mãe está em casa, possamos ir a um sítio fixe para umas férias em família.

— Achas que é à Disneylândia? — arqueja a Riley, como os olhos esbugalhados.

Anda desejava de ir à Disneylândia desde que vi na televisão o programa especial dos New Kids on the Block, *Wildest Dreams*. (Para quem não sabe: os New Kids on the Block era a maior *boy band* do mundo nos anos 1990. Eram tipo aqueles que agora substituíram o Justin Bieber e os One Direction nas vossas lancheiras.)

— Espero que sim — respondo à Riley.

O pai chega a casa às 18h59 em ponto. Juntamo-nos todos na sala.

— Meninas — diz ele. — Tenho notícias maravilhosas.

— Vamos à Disneylândia? — interrompe-o a Riley, com voz de anúncio de televisão.

— Este verão, não, querida — diz a mãe. — O vosso pai tem um novo emprego!

— Não vais ser o chefe dos nadadores-salvadores? — pergunto.

— Não, senhora — diz o pai, pegando na mão da mãe. — Na verdade, estou a dar os primeiros passos no caminho para o emprego dos meus sonhos.

— Vais ser polícia? — guincha a doce Hannah. — Oh, pai! Isso é tão maravilhoso! Todo aquele trabalho duro, todo aquele estudo, todas aquelas noites fora de casa...

É verdade. O pai estudou intensivamente para ir fazer os exames da polícia. Tão intensivamente que, durante o outono, mal o vimos. Algumas de nós até ficámos um pouco desconfiadas do que estava a passar-se naquela altura. (Não eu, claro.)

— Parabéns, pai — diz a Victoria.

— Uau! — digo, apertando o braço do pai com força. A Emma corre pela sala e abraça-se à perna dele. O pai ri-se.

— Obrigada, meninas. Não teria conseguido sem o vosso apoio.

— E não conseguirá continuar — acrescenta a mãe —, se não mantiverem o vosso apoio.

— É isso mesmo, meninas — diz o pai. — Sei que a escola está quase a acabar. E que todas tinham grandes planos para o verão.

Ups!

O pai acabou de dizer «tinham». Tipo, no *pretérito perfeito*.

O que significa que provavelmente já deixámos de os ter.

CAPÍTULO 3



Seaside Heights, em Nova Jérсия, é uma cidade costeira. O que significa que, a partir de junho, quando os turistas e os visitantes aterram na areia das nossas praias, a população aumenta das 2400 pessoas que vivem mesmo aqui, para cerca das 20 mil ou 30 mil que aqui vêm para se divertirem, comerem comida boa que faz mal, mostrarem os bronzeados e relaxarem com o surf. O que também significa que o departamento da polícia precisa de ajuda extra, só para o verão.

— Sou agora um Agente de Primeira Temporário, do departamento de polícia de Seaside Heights — anuncia o pai, orgulhoso.

— E se as coisas correrem bem durante o verão — acrescenta a mãe —, temos a certeza de que vão

oferecer ao pai um emprego a tempo inteiro na polícia, logo a seguir ao Dia do Trabalhador.

— Normalmente é o que fazem com os agentes temporários — diz o pai, levantando os calcanhares do chão, tão feliz que quase podia rebentar. — Os meus dias como chefe dos nadadores-salvadores acabaram, meninas.

— Iupi! — diz a mãe. Depois, abraçam-se.

Era uma grande notícia para o pai, também conhecido como o rapaz mais giro da praia. Mac Hart estava a centímetros de viver o seu sonho, de fazer aquilo que mais queria no mundo — principalmente depois de a sua carreira no basebol ter acabado quando conheceu a mãe e pendurou as chuteiras, e de ter tido sete meninas. Se os pais tivessem jogado connosco, podíamos ter tido a nossa própria equipa de softbol.

— O mais certo — diz a mãe —, é que o departamento da polícia venha a oferecer ao vosso pai um excelente salário.

— E benefícios! — diz o pai.

— Mas...

Pois. Há sempre um *mas*. E este *mas* parece ser bastante grande.

—... este lugar temporário não vai ser lá muito bem pago.

O pai assente com a cabeça.

— O salário é uma desgraça.

— E não há benefícios — explica a mãe.

— Além disso, tenho de comprar as minhas próprias fardas.

— E a tua pistola? — pergunta a Sophia. — Também tens de a comprar?

— Os agentes temporários não andam armados — diz o pai. — Basicamente, passamos multas de estacionamento. Ajudamos a gerir o trânsito. Verificamos as licenças da praia. Esse tipo de coisas.



— E — continua a mãe —, como o meu sonho também é um dia vir a ser agente da polícia, inscrevi-me num programa de treino intensivo de verão, na academia. Igual àquele que o vosso pai fez no outono passado.

— O que quer dizer — continua o pai —, que a mãe não vai receber salário nenhum durante, pelo menos, dois meses.

— E também não vou poder cozinhar, limpar e tomar conta de vocês tanto como até aqui — acrescenta ela.

Agora estão os dois a olhar para nós.

— Precisamos da vossa ajuda, meninas — diz a mãe.

— Precisamos que arranjem empregos de verão — diz o pai. — Todas as que já têm idade para trabalhar têm de trazer para casa um montante fixo.

— Se não for assim, podemos nem conseguir comprar mercearias — continua a mãe.

A Hannah arqueja ao ouvir aquilo. Ela gosta de comer. Mas, já agora, também eu.

— Também precisamos de ajuda no departamento de cuidado de crianças — refere o pai, olhando para a Emma. Ela tem 6 anos. Não há hipótese de alguém

a contratar este verão. Pelo menos, legalmente. Nova Jérsia tem leis sobre o trabalho infantil. É preciso termos 12 anos para se obter uma licença laboral.

— Vocês terão de fazer turnos para tomar conta da vossa irmã mais nova — avisa a mãe. — E para sair com a *Pulguitas*.

A *Pulguitas* é o nosso cão. E também é menina.

— E então eu? — pergunta a Riley.

— Já tens 11 — diz o pai. — Tens de tomar conta de ti própria e ajudar cá em casa.

— E se a Jacky não arranjar emprego, poderá ajudar-te.

Boa.

Os meus planos para um verão pachorrento, preguiçoso e divertido acabaram de ser adiados. Ou vou estar a trabalhar, ou vou estar em casa a cozinhar, esfregar o chão, limpar a sanita e tomar conta de crianças.

Lá se vai o verão da boa disposição.

CAPÍTULO 4



Os pais foram os primeiros a dizer-me «se fizeres aquilo de que gostas, nunca trabalharás um dia na tua vida».

Talvez não, mas ali parecia mesmo que íamos de ter de trabalhar todos os dias das nossas supostas férias de verão.

— As lojas e bancas ao longo da marginal contratam sempre mais gente durante o verão — diz a mãe. — Além disso, podem aprender muito, tendo um emprego. Será uma boa experiência para todas vocês.

— E vão poder ficar com metade do que receberem — acrescenta o pai.

Isso já soou melhor.

— Mas — diz a mãe —, todas as mesadas estão suspensas até depois do Dia do Trabalhador.

Pronto, já não sou tão bem.

Porque agora, se quisermos dinheiro para gelados, videojogos, CD, cinema, pipocas, chupas, pastilhas, biquínis novos — todos os essenciais de uma vida de verão — temos de ir ganhá-lo. A nossa boleia no comboio de abastecimento dos pais acabou.

Sim, os pais são o comboio que nos abastece de coisas boas, como molho de natas para os bifes, e outras que davam aqui uma grande lista.



De qualquer forma, no dia seguinte, regressamos à escola.

Assim que ponho o pé no portão da entrada, a professora Katherine O'Mara, a minha professora preferida, agarra-me pelo cotovelo.

— Precisam de ti no gabinete. Já!

— Já estou em sarilhos? — pergunto. — Como é possível? Ainda nem são oito e meia...

— A Lauren Furtado está doente — diz a professora O'Mara. — A professora Turner precisa de ti para fazer os avisos da manhã.

A Lauren Furtado é a rapariga do grupo de debate, que tem uma dicção perfeita e uma voz incrível. O que é que eu acho? A Lauren Furtado há de começar a anunciar coisas num programa de rádio assim que sair da universidade com o seu curso de Falar em Público Muito Adequadamente.

Eu não quero, de forma nenhuma, ocupar o lugar dela.

— M-m-mas...

— Nada de mas, Jacky — diz a professora O'Mara. — Está na hora de começarem as atividades.

— M-m-mas n-n-não c-c-conseguiram e-e-encontrar o-o-outra p-p-pessoa?

E é isto. Quando me sinto pressionada, começo a gaguejar.

Foi por causa do gaguejar que me deram a minha alcunha, Jacky Ha-Ha.

Quando estava na pré-primária, a minha língua tropeçava em si própria e eu baralhava-me com o meu último nome. O meu velho inimigo, o Rabo de Bola, um miúdo gorducho que é *bully* desde que esmurrou umas bonecas de pano quando ainda era bebé, ouviu-me gaguejar «Jacky Ha-Ha-Hart» uma tarde, durante a hora das histórias, e desde então colou-me essa etiqueta. Ficou agarrada a mim como um sinal a dizer «GOZA-ME».

— Vais sair-te bem, Jacky — diz a professora O'Mara. — Tens tanto talento como a Lauren Furtado.

A professora O'Mara era professora de discurso e teatro na universidade. Também entrou na produção da Broadway de *Annie*, quando era criança. Tem-me ajudado muito, mas a verdade é que, sempre que tenho de fazer uma leitura a frio (ou seja, quando tenho de ler alto um monte de palavras que não vi antes ou que não compreendo), esqueço tudo o que sei sobre controlar o meu discurso atrapalhado e caio outra vez diretamente na desgraça da gaguez.

CAPÍTULO 5



A professora O'Mara apressa-me a entrar no gabinete.

A professora Turner, que é subdiretora, e que sempre foi muito simpática comigo, está ali a sorrir. Com um microfone na mão. Chama-me com um gesto.

Abano a cabeça.

— N-n-não s-s-sou a L-L-Lauren F-F-Furtado.

— Oh, não te substimes, Jacqueline! — diz a professora Turner. Obriga-me a agarrar no microfone.

— Boa sorte! — sussurra a professora O'Mara.
— Tem calma e sê tu própria.

— Ou a Lauren Furtado — diz a professora Turner, passando-me o guião. — A Lauren é uma excelente apresentadora de anúncios. É só pensares que és ela, ou que ela és tu...

Olho para a folha de papel. Está cheia de palavras, palavras, palavras. Palavras que nunca vi antes. Palavras que não sei pronunciar.

Há uma que me salta à vista. Na lista de aniversários vejo uma aluna do 8.º ano chamada Debbie Swierczynsky!

SWIERCZYNSKY!

Como é que é suposto todas aquelas consoantes soarem assim tão juntas?

— Estás no ar! — diz a professora Turner.

A minha boca está mais seca do que depois de comer um pacote inteiro de pipocas salgadas.

— Hmm, bom dia, sol da manhã — digo ao microfone. — A Terra diz-te olá...

Boa. Ultimamente, tenho andado a ouvir um monte de álbuns de musicais da Broadway no meu quarto. Esta frase é de uma canção do *Hair*. Sim, há muito, muito tempo, fizeram um musical inteiro na Broadway sobre cabelo. Ainda estou à espera de que apareça um sobre nhás dos pés.

Recitar frases que decorei previamente é uma forma fácil de evitar a gaguez.

— É só leres o guião, Jacqueline — sussurra a professora Turner. — Era o que a Lauren faria.

Respirei fundo e tentei lembrar-me de tudo o que a professora O'Mara me ensinou para aliviar a minha gaguez. O conselho mais importante? Ir com calma.

— Bom...dia...Es...co...la...Bá...sica...de...Sea...side...Heights.

Vou falando mais devagar do que uma tartaruga a atravessar um pântano. Até faço pausas entre sílabas.

A professora Turner mostra-me um dedo a rodar, o sinal universal para *Vamos a acelerar as coisas, pode ser?*

— F-f-feliz a-a-aniversário à...

(É a isto que eu chamo a minha gaguez antecipatória. A minha boca já sabe o que se segue e não está nada contente.)

— ... à Deb-bie... S-S-Sewer... hã... Deb...bie... Sw-Sw-Swerve... Sw-Sw-Sweerz...cuz-zzzzee...zz-zin...zzzine...ska-nin-ski-zebra-ski-slope!



As duas professoras estão a olhar para mim como se vissem um filme de terror numa sala escura.

Ou para um acidente de carro.

Ou para ambos.

Felizmente, a professora O'Mara não é só a minha professora de inglês e minha mentora.

É também minha amiga.

Vê o pânico nos meus olhos. E também deve conseguir ver o suor a acumular-se na minha camisa, na zona das axilas. Bolas, toda a gente deve conseguir ver. São do tamanho do oceano.

Ela pega no microfone.

— Jacky Hart, tu dás cabo de mim! — diz a rir. — Tu sabes muito bem pronunciar o apelido da Debbie...

— Sei? Quer dizer, sei! Sei, sim.

— É Swierczynsky — diz a professora O'Mara, na perfeição.

— Exatamente.

— Mas não resististe a fazer um numerozinho cómico, não foi?

A professora O'Mara acena-me. Bom. Parece que vamos improvisar uma cena. Quando faço um papel numa cena, não gaguejo. E a regra número um da improvisação é responder sempre que sim,

e improvisar a partir do que quer que o nosso parceiro nos atire.

— Pois. Desculpa, Debbie, não estava a gozar com o teu nome. Estava só a dar o pontapé de partida para a grande comemoração na nossa escola da Semana Nacional das Consoantes.

— É isso mesmo — responde a professora O'Mara.

Agora que estou a fazer uma coisa com a qual me sinto à vontade, já vou lançada.

— Só queríamos avisar toda a gente do perigo de usar muitas consoantes seguidas. Esta semana, emprestem-lhes uma vogal, se tiverem alguma de sobra.

— Ora bem, obrigada, Jacky, por este serviço informativo muito esclarecedor.

— Levado até vocês por mim e pelo Conselho Informativo — digo eu, imitando os apresentadores na televisão.

A professora O'Mara pisca-me o olho e, de seguida, toma conta do resto dos anúncios a fazer.

Ainda bem.

Porque a parte que se segue é sobre a ementa do almoço. Bife com molho cremoso no pão, milho, feijão-verde e doce de fruta.

Só de ler aquilo em voz alta podia começar a salivar.




A JACKY HA-HA ESTÁ DE VOLTA COM O SEU HUMOR ESPETACULA-HA-HA-R!

Que maravilha! A escola está quase a acabar e, para mim, isso é sinónimo de PERFEIÇÃO! E quais são os meus grandes planos para estas férias? Preguiçar e fazer *NADA... absolutamente NADA!*

Brutal, não achas? Pois... só que não!

Parece que os meus pais têm planos ligeiramente diferentes dos meus... *Muito* diferentes, vá — vou ter de arranjar um emprego para ajudar nas despesas de casa. Lá se vai a minha ideia de um verão perfeito e divertido. Não sei o que há de perfeito e divertido em trabalhar, limpar, cozinhar, esfregar o chão...

Mas tu já me conheces e sabes que eu não sou de desanimar! Vou fazer de tudo para ter um verão em grande, palavra de Jacky Ha-Ha, a rainha da comédia... ou da parvoíce, como preferires!

Conversa com a Jacky em
 [omeujamespatterson](https://www.facebook.com/omeujamespatterson)



E por falar em coisas
hilariantes...
Não percas este também!




livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-707-615-2

TT+



9 789897 076152

Literatura Juvenil